

DETERMINAÇÃO DE DOSE SEGURA DE ACEPROMAZINA PARA GERBIL (*Meriones unguiculatus*)¹

Bárbara Corbellini Rovaris², Aury Nunes de Moraes³, Vanessa Arnaud Rocha⁴, Gabriela Borges Conterno⁵, Alice Comin Prochnov Nunes⁶, Thais Melissa Espin Boeira⁷

¹ Vinculado ao projeto “Determinação de dose segura de acepromazina para gerbil (*Meriones unguiculatus*)

² Acadêmico (a) do Curso de Medicina Veterinária – CAV – Bolsista PIVIC/UDESC

³ Orientador, Departamento de Medicina veterinária – CAV – aury.moraes@udesc.br

⁴ Mestrando em Ciência Animal – CAV

⁵ Mestrando em Ciência Animal – CAV

⁶ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária – CAV

⁷ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária – CAV

Atualmente, espécies não convencionais têm sido adotadas como animais de companhia. Dentre elas, os roedores compreendem um grande número de animais mantidos como *pets*, devido as suas especificidades, como tamanho, pelagem e sociabilidade. Além disso, eles são utilizados, há muito tempo, como cobaias de laboratório. Dessa forma, o aumento desses animais de companhia, criou uma nova demanda para as clínicas veterinárias, pois essas precisam estar aptas para prestação de serviços em áreas de manejo, clínica e cirurgia (TEIXEIRA 2020). Os gerbilos (*Meriones unguiculatus*), conhecidos como esquilos-da-Mongólia, são pequenos roedores, originários dos desertos da Ásia. Apresentam hábitos diurnos, são sociáveis e vivem em grupos (GULOTTA 1971). Normalmente, são dóceis, porém quando ameaçados podem saltar grandes alturas e morder. Portanto, a contenção química nesses animais pode se tornar necessária para a realização de exames clínicos (TEIXEIRA 2020). A acepromazina é um fármaco da classe dos fenotiazínicos, caracterizado por possuir efeitos calmantes no Sistema Nervoso Central, uma vez que bloqueia neurotransmissores, como a dopamina e a serotonina, e, também, causa a depressão do sistema reticular (FANTONI & CORTOPASSI 2002). Então, é o fármaco mais utilizado dessa classe para medicações pré-anestésicas e tranquilizantes. A sua administração em gerbilos é contraindicada, devido ao alto risco de convulsões e, por não haverem doses seguras bem estabelecidas para a espécie (TEIXEIRA 2020, CARPENTER 2017). Logo, o objetivo desse trabalho foi determinar uma dose segura de acepromazina para gerbilos.

Foram utilizados somente machos inteiros adultos, de mesma linhagem, totalizando 10 animais submetidos a estudo *crossover*. Em estudo piloto, foram testadas doses crescentes de acepromazina 0,2%, iniciando em 0,5mg/kg até 8mg/kg. Nenhum dos animais apresentou quadros de convulsões, porém foi observado que a partir de 5mg/kg, os gerbilos apresentaram, apenas, efeitos deletérios, como, maior duração da sedação e agressividade. Logo, as doses testadas no estudo foram de 2mg/kg e de 4mg/kg. O mesmo foi realizado de forma duplo-cego, com sorteio ao acaso dos animais em dois grupos, sendo ACEP2, com dose de 2mg/kg e ACEP4, 4mg/kg. Inicialmente, os gerbilos foram pesados e acondicionados individualmente, seguido da aferição basal dos parâmetros dos animais (postura, reflexo de endireitamento, reflexo corneal e reflexo de cauda) (Figura 1), sendo denominado M0. Na sequência, aplicou-se acepromazina 0,2%, com dose correspondente a cada grupo, por via intramuscular. As mesmas avaliações foram feitas em M1 (15 minutos), M2 (30 minutos), M3 (60 minutos), M4 (120 minutos), M5

(180 minutos) e M6 (240 minutos). A cada momento, os animais foram classificados em uma escala de 0 a 10, avaliando todos os parâmetros. A análise estatística foi realizada utilizando ANOVA e o teste Mann-Whitney, com nível de significância de 5%.

Nos dois grupos em todos os momentos obteve-se diferença significativa em comparação ao M0, com maior pontuação média de 4,6 no momento M3 para o grupo ACEP2 e de 5,2 no momento M2 para ACEP4. Em resultados apresentados em SOUZA, Bitti (2015), o pico do efeito sedativo da acepromazina em cães foi observado após 30 minutos da administração, como apresentado pelo grupo ACEP4. Todavia, de acordo com CARPENTER (2017), o pico dos fenotiazínicos pode ser obtido após 30 ou 45 minutos da aplicação, como o observado em ACEP2. Quando comparado o grupo ACEP2 com o grupo ACEP4, não foi obtida diferença significativa entre as doses em nenhum momento (Tabela 2). Diferentemente do descrito por TEIXEIRA (2020) e CARPENTER (2017), a utilização de ambas as doses de acepromazina em gerbilos não diminuiu o limiar convulsivo a ponto de causar quadros de convulsão em nenhum dos animais.

Portanto, não houve diferença de significância estatística entre as duas doses testadas no estudo. Sendo assim, indica-se o uso da menor dose (2mg/kg), uma vez que com o aumento das doses, pode-se, somente, aumentar os efeitos deletérios do fármaco. Todavia, como demonstrado no estudo, ambas as doses se demonstraram seguras para emprego na espécie.



Figura 1. (A) Pesagem. (B) Acondicionamento. (C). Aplicação do fármaco. (D) Avaliação da postura e do reflexo de endireitamento. (E) Avaliação do reflexo corneal. (F). Avaliação do reflexo de cauda.

Tabela 1. Comparação entre as pontuações totais dos parâmetros avaliados (postura, reflexo de endireitamento, reflexo corneal e reflexo de cauda) dos grupos ACEP2 e ACEP4.

Momentos	GRUPOS		p
	ACEP2	ACEP4	
M1	3	3,5	0,4982
M2	4	5	0,1300
M3	5	5,5	0,3716
M4	4	4,5	0,5282
M5	2	3	0,3194
M6	1	2	0,2011

Palavras-chave: Gerbilos. Acepromazina. Tranquilização.